

MULTIPLICIDADE DE IDEIAS PSICOLÓGICAS: FRAGMENTOS HISTÓRICOS

Por Maria de Lourdes O. Reis da Silva¹

Desde tempos imemoriais o ser humano faz indagações sobre si no mundo, buscando um conhecimento sobre sua constituição fisiológica, espiritual e suas relações com os espaços vivenciais. Passado o longo período de indiferenciação, em que, integrado à natureza, apenas vivia em busca de se proteger das intempéries e sobreviver, surgem as indagações sobre as suas origens e sua constituição fisiológica e espiritual. A consciência de si, o despertar para a compreensão de seu lugar no mundo, provoca no ser humano a necessidade de investigações que o conduzem às primeiras elaborações sobre sua subjetividade e seu existir como um ser individual e relacional. As interrogações iniciais fizeram parte de uma busca por si no mundo, desde que o pensamento racional se desenhou na mente deste novo ser, como uma forma de pensamento de um ente social, cultural e histórico.

Conceituações de sentido religioso imprimiram significados a partir da constituição de mitos sobre a origem do mundo, dos seres vivos e suas relações de poder e de dependência. O mito como experiência vivencial e subjetiva tem íntima relação com a afetividade e com as significações que o ser imprime ao seu momento existencial. Esse ser preocupado em saber mais sobre si, envereda pelo campo da filosofia e da fé, como uma das formas mais antigas de pensar e de tirar conclusões sobre o mundo. A preocupação do ser humano consigo o levou a pensar em possibilidades fundamentais de sua condição humana e também transcendente, que o conduziram a conjecturar sobre uma instância que sobrevive ao corpo e a indagar sobre a sua natureza, a alma. As dores existenciais tiveram e ainda têm grande influência no sentido de se pensar em recompensas para a alma além da vida física.

Em Psicologia encontramos conceitos divergentes, uma vez que a maioria das definições fogem ao princípio etimológico da palavra que significa estudo da alma. Para alguns, a Psicologia precisa garantir o status de ciência, para outros, esse lugar descaracterizaria a Psicologia no seu aspecto humano. "De onde vem esta necessidade da psicologia tornar-se científica, se ela sempre oscilou entre estes dois campos? (JAPIASSU, 1982, p. 141).

Considerando a especulação filosófica a respeito do comportamento humano, estudos situados desde a Grécia antiga até o século XVIII, demonstram que a gnose, como ação de conhecer e o éthos, contexto cultural, são dois polos que tensionam a emergência de fenômenos reconhecidos como psicológicos. (GOMES, 2003). A filosofia, ocupando-se do ato de conhecer, está relacionada com a capacidade e a possibilidade para distinguir o que acontece com o agente do conhecimento no contexto da experiência.

Os Jesuítas da Companhia de Jesus muito contribuíram para os alicerces da Psicologia moderna, a partir do trabalho em educação e dos fundamentos para um

¹ Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Pedagoga. Arteterapeuta pelo Instituto Junguiano da Bahia. Formanda no décimo semestre do curso de Psicologia pelo Centro Universitário Estácio da Bahia.

conhecimento sobre a subjetividade e o comportamento humano. Práticas como o exame de consciência e a orientação espiritual serviram de embasamento para um tipo de psicoterapia. As potências da alma na perspectiva aristotélica, correspondem às funções psíquicas: sensoriais, motivacionais emocionais e intelectuais (MASSIMI, 2001, p. 626).

O nascimento da ciência psicológica no século XIX se caracteriza como um processo que buscou eliminar a visão de Psicologia como ciência da alma, considerada por Wundt como um estudo estruturado a partir de hipóteses metafísicas. Ele foi um crítico radical do espiritualismo e só admitia a experiência como um conjunto de processos interligados. Wundt passou para a história da Psicologia como o próprio pai da Psicologia científica, atraindo estudantes de todas as partes do mundo para participar de seu centro de formação de psicólogos. Em 1883 Wundt fundou o periódico *Philosophische Studien*, posteriormente chamado de *Psychologische Studien* (JAC-VILELA, Ana Maria; FERREIRA, Arthur A. Leal, 2005, p. 94-101).

Freud, o fundador da Psicanálise, elaborou conceitos formulados em nível mais elevado de abstração, distanciando-se da experiência empírica e inaugurando o estudo do inconsciente, interpretação dos sonhos, estudos relacionados com a sexualidade feminina, as pulsões, o Édipo, as neuroses entre outros. Jung, inicialmente discípulo de Freud, passou a discordar de seu mestre em pontos relacionados com o papel da sexualidade e outros aspectos estruturais de uma abordagem teórico-metodológica, formulando, a partir de seu amplo conhecimento sobre mitologia, filosofia e história das religiões, uma nova teoria analítica e clínica. No Livro Vermelho, uma das mais importantes publicações dos estudos de Jung, foi retomado e aprofundado o estudo da alma e sua importância no que ele denominou de processo de individuação.

Outras abordagens foram surgindo no campo da Psicologia, a partir de novos estudos, desenvolvendo argumentações teóricas e práticas psicoterápicas. Gestalt, Psicologia Cognitivo Comportamental, Transpessoal, entre outras. É preciso, no entanto, não perder de vista o processo histórico da Psicologia, nem a importância de cada abordagem no seu campo de visão teórica e prática. Desta perspectiva, o espaço "Estudos Psicológicos" abre campo para reflexões psicológicas no sentido de compreender e respeitar as escolhas dos profissionais por uma determinada abordagem, como um direito epistemológico e nunca como uma disputa sobre qual a melhor das áreas de estudo.

REFERÊNCIAS

- GOMES, William. B. **Relações entre Psicologia e Filosofia: A psicologia filosófica**. Html, 2003.
- JAC-VILELA, Ana Maria; FERREIRA, Arthur A. Leal; PORTUGAL, Francisco. **História da Psicologia: rumos e percursos**. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2005.
- JAPIASSU, H. **Introdução a epistemologia da psicologia**. Rio de Janeiro: Imago, 1982.
- MASSIMI, Marina. A Psicologia dos Jesuítas: Uma Contribuição à História das Ideias Psicológicas. In: **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 2001, 14(3), pp. 625-633.